

ENTREVISTAS

ARY FRANÇA¹

O papai falava muito bem o francês, era escritor e tinha uma cultura muito grande. De vez em quando saía umas frases em francês de brincadeira. Conheci muita coisa de francês através das brincadeiras de papai. Mas quando eu entrei para universidade ele já havia morrido. Eu tinha 15 anos quando isso aconteceu, logo depois da Revolução de 32. Eu e a Jandira (irmã dele) começamos a trabalhar. Ela é mais velha, entrou para a Química. Entrou antes de mim. Ela formou-se na escola normal em Pirassununga e veio para São Paulo, entrou em Química e pediu para que eu viesse, para que eu estudasse com ela na faculdade. Ela estudou com o professor Rheinboldt, um dos grandes da química alemã. Ela entrou na faculdade e eu entrei no ano seguinte. Ela já estava madura, tinha certa experiência com ensino. Eu comecei a fazer a faculdade e ao mesmo tempo comecei a trabalhar, dar aulas em cursos, só que eu não tinha título nenhum. Era professor primário, mas para dar o curso em ginásio, eu não tinha idade. Era um menino.

A faculdade fez 70 anos agora, eu entrei em 36. Eram três anos para se formar. Havia um quarto ano, que eu não fiz naquela ocasião, era só a parte de didática. Eu conheci então o D' Martonne, já aposentado. Foi aposentado durante a guerra, porque foi considerado colaborador durante a guerra. O

¹ Professor catedrático de Geografia da da Universidade de São Paulo. Entrevista realizada em 10 de novembro de 2004, por Laís Mourão e a Professora Doutora Amália Inês Geraiges de Lemos.

D'Martonne não deu bolas para a guerra. Ele tinha muitos imóveis na Alemanha, inclusive ele começou lecionando na Alemanha, falava muito bem o alemão e durante a guerra ele utilizou transportes alemães, por exemplo. Ele estava fazendo pesquisas em torno do Monte Sinai, na Ásia Menor. Os alemães dominaram aquela área durante muito tempo, sobretudo o transporte aéreo, no começo da guerra. E o D'Martonne utilizou muito esses transportes e esteve na Alemanha várias vezes. Ele tinha muitos admiradores e alunos antigos na Alemanha. Quando terminou a guerra foi punido, exatamente aposentado. Foi um dos muitos que foram afastados imediatamente. Só que tiveram uma enorme consideração para com ele e deram uma sala na Sorbonne, na Geografia. Resultado: era minha sala de refúgio. Eu bati grandes papos com o D'Martonne, porque ele ainda estava escrevendo. Ele não ligou para ninguém e o pessoal fez gelo do D'Martonne. Eu era um dos poucos que freqüentava a sala dele. Ele me atendia muito bem, neste momento eu já falava muito bem francês, então não houve problema.

Também conheci o Max Surre. Não só como aluno, mas eu fui assistente dele. Trabalhei na casa dele. E ele já estava bastante idoso naquela ocasião, tinha dificuldades para subir as escadas. Ele tinha uma biblioteca enorme com escadas. Morava em um prédio de apartamentos, mas era no térreo. Um apartamento bastante grande, que ficava a uns cem metros da Sorbonne. Quando terminava o Jardim Luxemburgo, a segunda ou terceira casa era a de Surre. Geralmente eu ia para lá com ele e ficava em sua casa. Ele estava escrevendo o último volume dos Fundamentos da Geografia Humana. Uma coisa que eu fazia muito para ele era o seguinte: ele tinha aquela biblioteca e me pedia para ver o volume tal, o autor tal. Ele sabia a página toda de cor, era só para conferir se estava certo. Dizia sem olhar a frase e pedia para eu acompanhar. Depois fazia uns comentários sobre a preocupação. Ele estava conferindo para a publicação.

Eu voltei da Europa uns três anos depois da Guerra. Quando voltei, o Aroldo de Azevedo já era catedrático. O João Dias da Silveira não era catedrático, mas estava fazendo o concurso. Eu era mais chegado ao Silveira, mas não me lembro bem do concurso dele. Ele era de uma turma anterior a minha. E o Aroldo de Azevedo também foi meu colega, mas de uma turma posterior. Depois retornei algumas vezes para a Europa. Fui em reuniões do Comitê Internacional de Geografia, da UGI. E uma ou outra vez para palestras e para cursos também, na Sorbonne. Falava sobre a América do Sul de uma forma geral. Participava também de seminários. E participei de uma coisa muito interessante: eu havia colaborado muito aqui com médicos e comecei um estudo de geografia médica, de pesquisa nessa área, especialmente com o Professor (Sabóia) Pessoa. Ele era médico, professor da Faculdade de Medicina. Tinha muitos trabalhos sobre a malária. Participei de vários trabalhos dele, inclusive uma das filhas dele era aluna da Geografia, trabalhava com ele, e me pediu para conhecer seu pai. Acabei me entrosando no grupo dele e participando de uma série de pesquisas sobre endemias.

O Sabóia Pessoa me deu muita atenção e eu fiquei conhecendo bem o campo. Então, lá na França, durante a guerra, surpreendentemente houve uma série de epidemias tropicais, com alguns casos de malária. Houve epidemias muito sérias no mar do Norte e no Sul da França, na área mediterrânea. Eu fui para a área do Canal da Mancha para participar de uma equipe sobre a malária. Depois, o Sorre, sabendo disso, passou a ser o diretor mundial da Geografia Médica.

Ele até gostava de usar este título lá: colaborou muito com médicos e foi reconhecido em vários trabalhos de medicina. Ele mandou para a região do mediterrâneo, na fronteira entre França e a Espanha, um grupo de pesquisa da Sorbonne sobre malária e outras doenças tropicais, da qual eu também participei. Para mim foi uma experiência interessante.

O D'Martonne deu aula muito pouco tempo no Brasil, ele esteve uns dois meses. Eu era aluno e não tive acesso a ele, apenas participei de uma excursão com ele até o litoral. Fomos para Ilhabela e até fizemos um trecho da serra a cavalo. O Silveira também estava junto. O D'Martonne já devia estar perto dos 80 anos, mas era muito saudável.

Lá na Sourbonne, foi sua fase final, ele estava muito bem fisicamente e se queixava muito dos colegas que o boicotaram. Mas para mim foi muito bom, porque eu tive um contato com ele que foi extraordinário, que de outra forma eu jamais teria.

Já o Deffontaines esteve aqui na faculdade, mas eu nem fui aluno dele. Ele esteve aqui em outras ocasiões onde estive com ele, inclusive eu já era professor. Lá na Europa eu o vi algumas vezes, mas depois, quando fui para lá novamente, o encontrei e ele estava freqüentando muito o sul da França e Espanha. Ele estava morando mais em Barcelona.

Quanto ao Pierre Monbeig, era o professor de geografia (risos). Naquele tempo não havia uma distinção muito grande. Ele foi dando confiança para um, para outro, para cuidar da geografia agrária, de introdução à geografia, para cuidar de seminários e eu fui assistente dele também, mas só no final, porque a assistente dele era a Conceição Vicente de Carvalho. Ela foi assistente permanente e se entendia muito bem com ele. Mas a Conceição foi sendo alijada aos poucos, por que não queria fazer o doutoramento. Ela resistiu muito, estava sendo obrigada a fazer. Acabou fazendo no final, mas muito aborrecida e meio corrompida com o Monbeig.

Eu, neste momento, era terceiro assistente, o segundo assistente era o Renato da Silveira Mendes. Passei a segundo assistente e logo em seguida a primeiro assistente. O Renato ficou para trás, não gostou muito, mesmo porque ele era bem mais velho do que eu.

O Renato estava com a mentalidade já feita e não tinha muito interesse em progredir. Ele tinha um bom nível, era um sujeito inteligente, tinha formação cultural boa. Poderia ir bem longe, mas o Renato era meio displicente, não fez força nenhuma para fazer carreira. Eu passei à frente dele justamente porque estava fazendo carreira, fazendo trabalhos e dando assistência ao Monbeig. Passei a ser o companheiro do Monbeig de excursões, de trabalhos. Na tese do Monbeig, eu fui o colaborador principal quando ele foi para a França.

Ele foi embora um ano depois da guerra. Foi uma das primeiras viagens depois da guerra. Seis meses depois de terminar a guerra nós viajamos juntos, mas o Monbeig ficou na França durante algum tempo. Ele voltou depois para levar a família. Quando voltou para lá, ficou desempregado durante algum tempo. Lá ele era assistente, não era professor quando veio para cá. Mas conquistou nome, fez trabalhos que foram publicados lá e estava em situação de ser convidado para lecionar e para escrever o doutoramento - porque era muito difícil fazer o doutoramento. Ele se inscreveu no doutoramento e ficou aproximadamente dois anos - ou até mais - acabando a tese. O que ele levou daqui foi considerado insuficiente. Eu trabalhei com ele lá também, ele conseguiu um lugar como professor na Alsácia, na fronteira com a Alemanha, na beira do Reno, no lado francês (em Estrasburgo). Ficou lá por volta de dois anos. Depois conseguiu transferir-se para a Sorbonne, mas ainda não tinha um cargo de professor. Quando cheguei aqui no Brasil, trouxe várias incumbências dele com relação à tese. Eu tive que fazer pesquisas, recolher dados gerais - eu tinha uma longa lista de problemas que ele deu. Durante um ano ou dois mandei dados para o Monbeig para completar sua tese.

Para o padrão francês de professores, ele ainda era bastante moço naquele momento, professor da Sorbonne, especialmente. Na Sorbonne, professor de cátedra era aos 50 anos. Neste

momento já estavam recebendo professores um pouco mais moços, já havia uma crise na docência.

Havia uma diferença muito grande. O Aroldo, por exemplo, eu o considerava como sendo meu avô (risos). Porque ele era bem mais velho do que eu. Comecei muito moço, entrei na faculdade com 18 anos. E em 1945 defendi o doutorado, tinha 28 anos. A tese foi sobre o clima de São Paulo. Eu já gostava do assunto e o Monbeig achou que era muito bom e me incentivou a estudar o clima, e também porque ele achava que faltava orientação no clima.

Já a Ilha de São Sebastião foi muito depois, foi tese para a cátedra. Existia também a livre-docência, eu estava inscrito. Aliás, foi a minha briga com o Eurípedes (Simões de Paula, diretor da antiga Faculdade de Filosofia Ciências e Letras). Ele foi diretor acho que durante uns 15 anos e quando eu fiz o concurso para Cátedra, ele já era diretor havia uns dois ou três anos. Ele era colega do Silveira, da primeira turma da faculdade e eu era da terceira. Ele era diretor quando eu fui assistente.

A luta dele foi para impor a faculdade e levá-la ao Conselho Universitário. Havia uma conspiração das velhas faculdades para não deixar a Faculdade de Filosofia entrar no Conselho Universitário. Eles tinham medo da FFCL, porque ela recebeu professores do nível mais elevado no mundo. Um pouquinho antes da guerra o Hitler, o Stalin e o Mussolini já estavam no poder e havia uma perseguição não só aos judeus, mas a tudo o que era oposição. Então, quando foi fundada a faculdade de filosofia, foi uma delegação à Europa, chefiada pelo Júlio de Mesquita Filho - O Estado de São Paulo deu o maior apoio para a fundação da Universidade de São Paulo - para contratar professores. Não só a Europa, mas a vários países, até ao Japão. E o resultado é que foram contratados os professores de maior gabarito no mundo, em muitas áreas.

A Química alemã, que mandava no mundo todo, veio toda para cá. O Heinrich Rheinboldt, o Heinrich Hauptmann vieram para cá, ficaram aqui e nunca mais foram embora, eles morreram aqui; chegaram, começaram a estudar o português e naturalizaram-se brasileiros. Esses professores mais importantes fizeram assim, porque sabiam que não conseguiriam voltar tão cedo para a Europa.

Até a Inglaterra estava com o Neville Chamberlain. O trabalhismo dele era completamente diferente desse trabalhismo atual. Era um trabalhismo meio fascista (risos) que também perseguia. Por exemplo, o professor² que fez o Instituto de Física aqui e deu um impulso extraordinário, veio da Inglaterra. Também veio e morreu aqui no Brasil. Ele era um dos três maiores do mundo e foi perseguido pelo trabalhismo inglês. Toda a parte das ciências ligadas à vida animal, por exemplo: solo, botânica... Tudo isso foi alemão ou ligado à Itália, a própria geologia e assim por diante.

Nós da filosofia também recebemos alguns professores que vieram nessas circunstâncias. A Universidade de São Paulo passou a ter um corpo docente do mais alto gabarito no mundo. E na Europa, eles sabiam disso. Quando eu fui para lá, fui muito bem recebido porque era da USP. Todo mundo lá sabia que a Universidade de São Paulo tinha um corpo docente com o qual eles conviveram durante muito tempo.

O nosso contato com os franceses aqui era com os professores de Geografia e História apenas. O professor de História que me entusiasmou muito foi o Fernand Paul Braudel. Ele foi o maior professor que eu já conheci na vida, era um professor de competência e cabedal extraordinário. Sobretudo os planos de aula dele, era sempre muito inteligente. Aquele era o centro, o

² Acreditamos que o professor tenha se referido não a um inglês, mas ao físico russo Gleb Wataghin, que veio da Itália de Mussolini lecionar no Brasil. N.E

foco da aula, ele girava em torno daquele foco e nós entendíamos. E só falava francês, não falava uma palavra em português. O Braudel veio no segundo ano do meu curso.

Isso que me entusiasmou no Braudel. Ele deu um curso sobre Napoleão Bonaparte, que eu assisti. Já tinha ouvido muito sobre Napoleão, em livros, e conhecia muito. Ouvi o professor falando em uma língua estranha, que eu comecei a entender, porque conhecia enormemente o assunto. Eu era um entusiasta sobre a vida de Napoleão. Vi que era um professor fabuloso, que se fazia entender.

Eu tive sorte. O Braudel começou a desprezar aquela velharia e dar aulas para os alunos moços. Ele olhava para nós. Especialmente para mim, que era o mais moço da turma, quase um menino naquele momento. Ele percebia que eu estava entendendo, que estava interessadíssimo. Quando eu não entendia uma palavra ou outra, ele fazia o contorno e voltava o assunto, percebi tudo isso. Ele foi meu professor, o tempo todo, durante dois anos, mais ou menos.

Depois, eu fui para a França e encontrei o Braudel em um Congresso de Americanistas, uma sessão foi exibida por ele. Cheia! Na Sorbonne com o anfiteatro cheio! Eu sentei e reparei que ele olhava para o meu lado. Pensei: “O que será que ele está olhando?”. Era para mim mesmo! Em certo momento ele fez assim e eu fiz assim também (gesto positivo) aí ele deu um sorriso. Ele estava presidindo a sessão.

Terminada a sessão, fui falar com ele e ele me deu um abraço, batemos papo e ele disse que estava apenas esperando encerrar a sessão para falar comigo. Eu disse: “Queria falar com o senhor, agradecer por todo o tempo que foi o meu professor, e dizer que o considerei meu maior professor, porque o senhor me fez entender não só suas aulas de História, como me fez entender o francês”.

Estava a ponto de desistir da faculdade, porque estava entendendo muito mal o francês. Eu assisti a todas as aulas que o Braudel deu aqui no Brasil, todas que eu pude ver. O Braudel era um professor fabuloso e eu aprendi com ele coisas incríveis. A língua francesa mesmo eu aprendi sem que ele me ensinasse.

Então, as faculdades no Conselho Universitário: Direito, Medicina, a Poli e ainda faziam parte a Farmácia e a Odontologia. Havia outros núcleos menores, mas que estavam no Conselho Universitário. Houve resistência e o Eurípedes travou uma luta tremenda para conseguir professores.

Eu estava inscrito para fazer a livre-docência e a minha tese acabou sendo para o concurso de Cátedra, eu não tive outra saída. Desisti do concurso de livre-docência, por insistência do Eurípedes. Ele era meu amigo, mas quase brigou comigo porque eu não queria fazer o concurso. Ele dizia: “Isso é uma traição! Eu quero fazer essa congregação e você está em condições de fazer a livre-docência e a Cátedra também. E pode fazer a cátedra, sem fazer a livre-docência!”

Eu acabei tendo que ceder, inclusive ele ficou muito bravo comigo e dizia: “Eu vou arranjar outro professor! Porque tenho de arranjar um professor para ficar aí, na Geografia!”, e ele já tinha conseguido um curso para o Silveira.

Quando viu que eu tinha me inscrito na livre-docência, ele disse: “Tem de ser o Ary o próximo professor!” e ficou em cima de mim quase um ano inteiro, brigávamos todo dia. Ele dizia: “Como é? E o curso?” (risos) E eu era, realmente, muito amigo do Eurípedes. Não era só colega.

Eu fiz constrangido porque queria fazer a livre-docência antes de fazer a Cátedra. Eu era muito moço, não tinha confiança em fazer a Cátedra, seria o professor mais novo na faculdade naquele momento. E acabei sendo. Fiz por insistência do Eurípedes e para essa finalidade. E me saí muito bem. Como

hesitei bastante, fiz o concurso com vários outros candidatos. O Renato Silveira nunca foi catedrático. Nem foi assistente do quadro. Do quadro só era o primeiro assistente.

Mas voltando ao Monbeig, suas aulas eram muito boas! Ele era muito didático, mas também era um professor bastante moço. Ele veio para cá sem uma experiência muito grande, estava ligado a toda referência da família da mulher dele. O pai da mulher dele era reitor da Sorbonne. Ele já chegou aqui casado. Os primeiros filhos nasceram lá, e nasceram dois aqui. Ele estava sempre muito ligado ao campo.

Fui por toda parte com ele. A tese dele estendeu-se por todo o estado de São Paulo, pelas velhas regiões cafeeiras, desde o Vale do Paraíba, sul de Minas, depois pelo interior de São Paulo, Ribeirão Preto, sempre com o Monbeig. Depois no Norte do Paraná, até um pouco além de Maringá. Depois disso, eu fui para a França, na volta o Monbeig me pediu para refazer certas pesquisas, obter mais dados interessados à tese dele. Nesse trabalho eu visitei, inclusive, novas áreas, que estavam sendo abertas naquele momento. Houve o Congresso Internacional de Geografia, no Rio de Janeiro (RJ), e eu fiz o trabalho sobre o café e as frentes pioneiras. Fiz uma pesquisa sobre as novas frentes que haviam sido abertas no norte do Paraná e sul do estado do Mato Grosso. Íamos de carro ou de ônibus. O Monbeig guiava, uma vez ou outra me passava o volante. Nós não saíamos muito dele.

Ficávamos em hotéis e às vezes em empresas. A Companhia do Norte do Paraná era estrangeira. O Monbeig tinha uma relação muito grande com estrangeiros. A companhia do norte do Paraná já estava sendo transferida para brasileiros. O Monbeig teve relacionamento internacional com eles, acho que desde a França, desde que ele chegou. A tese do Monbeig, inclusive, foi patrocinada pelas empresas, ele ganhava uma ajuda. Havia já o Conselho Nacional de Geografia que estava operando. Aqui em São Paulo haviam as cartas de São Paulo, feitas há muito tempo.

Na minha última fase da faculdade eu não tive muito campo. Não fui propriamente coagido a me aposentar, mas me senti sem apoio para muita coisa. Tinha, algumas vezes, uma certa ameaça, porque eu não pactuo de grupos, nunca pactuei. Eu não estava me sentindo muito bem na faculdade. Até permaneci mais tempo que o normal porque me dava bem com os companheiros, o Aroldo de Azevedo e o Silveira. Mas eles não se davam muito bem, a substituição de um dos dois não era bem vista pelo outro. Havia uma tensão entre eles.

Eu devia ter uns 30 anos de docência. Mas não pretendia me aposentar, nem havia cogitado. Houve problemas, alguns professores que trabalhavam lá conosco, que pretendiam fazer a Cátedra, tinham menos idade, mas não tinham consistência muito grande para chegar a catedrático. Isso incentivou os que pretendiam fazer o concurso. Tanto que dois chegaram a fazer inscrição. Começaram e desistiram na primeira parte do concurso. Eu não vou dar os nomes por que já faleceram. Estavam visando me destronar. (risos) Estavam achando que eu tinha passado na frente deles. (risos)

SÃO PAULO, 1950

Acervo CAPH/FFLCH-USP



Doutoramento em Geografia de José Ribeiro de Araújo Filho, na faculdade da rua Maria Antônia. Presença, da esquerda para direita: Ary França, José Veríssimo da Costa Pereira, Aroldo de Azevedo, Alfredo Ellis Jr., João Dias da Silveira e José Ribeiro de Araújo Filho